

## CIÊNCIA EGOVERNO

Daniel Nascimento-e-Silva, PhD

Presidente da Fundação de Apoio ao Ensino, Pesquisa, Extensão e Interiorização do IFAM

A ciência é uma palavra fácil e saborosa nas bocas dos políticos. Seja em época de eleição ou em ocasiões comuns, quando um político quer impressionar quase sempre se refere à ciência ou ao apoio dos cientistas para a sua causa. Até aqui, nada de anormal. O que foge à normalidade, quando comparado com os discursos de outras nações, é que o discurso dos políticos tupiniquins é falso, apenas para impressionar. Este artigo tem como objetivo explicar de que forma a ciência pode ser utilizada como uma ferramenta sem igual para acelerar o desenvolvimento ao eliminar mazelas e criar novidades necessárias.

A maior estultície amazônica, materializada na forma de pensar do seu povo, é imaginar que doutor só serve para dar aula. Quando encontramos um indivíduo brilhante e sugerimos que faça o mestrado ou o doutorado para aperfeiçoar ainda mais suas habilidades e eliminar suas debilidades, a resposta que invariavelmente se obtém é “não quero ser professor”. Pobre indivíduo, que desconhece o fato de que mais de 80% dos doutores americanos não estão nas universidades, mas nas fábricas, e quase 90% dos doutores coreanos labutam nas fábricas e nos governos.

Não sei se essa estultície é natural ou fabricada. O fato é que está provocando um criminoso atraso no desenvolvimento de nossas organizações, especialmente nas organizações públicas. A ciência tem como desafio explicar os fatos e fenômenos do mundo, tirando o véu do sobrenatural (o sobrenatural não existe e, se existir, é impossível de ser conhecido) e colocando as coisas no âmbito das nossas possibilidades. Traduzindo em miúdos, a ciência amplia as nossas possibilidades de agir a partir de explicações desmistificadoras e suas consequências, em que as tecnologias são seus subprodutos mais conhecidos.

Os cientistas, por sua vez, são profissionais que se dedicam a gerar essas explicações e a produzir as facilidades com que nos beneficiamos no dia a dia, como aparelhos de televisão, automóveis, celulares e assim por diante. A diferença dos cientistas para os não cientistas é o amor ao estudo e o compromisso verdadeiro com o outro, além, evidentemente, de terem passado pelo menos mais seis anos de estudo do que os outros profissionais. Nesses seis ou mais anos de estudo, o futuro doutor é submetido a uma intensa programação de

aprendizado e de produção que os outros profissionais jamais imaginarão, e dificilmente teriam capacidade física, psicológica, emocional e volição para tal. O cientista é o verdadeiro filósofo devido ao seu amor ao conhecimento.

O que tem acontecido na Amazônica é que os poucos cientistas aqui existentes (no Amazonas são menos de 500) sequer são consultados para pareceres técnicos diante dos grandes problemas regionais e dos desafios de governo. Nenhum governo amazônico tem capacidade de, sozinho, resolver os problemas que têm que ser resolvidos. Deixar de lado quem realmente pode ajudar com grande probabilidade de sucesso é estultície! Por exemplo, governo que tem uma secretaria de planejamento não funciona e não funcionará jamais, porque tem erro de origem. O mesmo acontece com qualquer organização.

Tomemos qualquer setor governamental, da agricultura à segurança pública. Sozinhos, os funcionários dessas secretarias jamais resolverão os problemas de produção agropecuária e de segurança porque esses problemas estão além de suas capacidades cognitivas. O treinamento para lidar com eles não foi oferecido aos seus funcionários, se não eles seriam, também, doutores, cientistas. A razão disso é que os cientistas são os únicos profissionais efetivamente capacitados para lidar com os limites da capacidade humana de resolver problemas. E, na Amazônia, agricultura e segurança ultrapassaram todos os limites de capacidade do corpo funcional de governo.

Muitas vezes temos nos prontificado para auxiliar na resolução de problemas de governo, mas apenas em poucas oportunidades a iniciativa vai adiante. Os “executivos” de governo, ao perceberem uma parte do desafio, preferem fugir e deixar o problema para os seus sucessores. A visão do monstro amedronta. Funcionários de governo são treinados para lidar com situações normais, sem desafios mais atroz. Quando o problema é complexo, são incapazes sequer de mapear seus contornos. Isso demonstra que os cientistas e a ciência são essenciais em qualquer governo amazônico.

O problema de saúde e da educação, assim como o da segurança e agricultura, não podem mais ser resolvidos apenas pelo pessoal da saúde e da educação. Agora é um desafio de engenharia. Metaforicamente, esses problemas não são passíveis de ser resolvidos com medicações ou fisioterapia. Chegaram a um estágio de evolução em que apenas a intervenção cirúrgica, com profissionais de várias especialidades agindo simultaneamente,

poderá reaver a saúde dessas unidades de governo. E, decididamente, apenas cientistas são capazes dessa proeza.

Talvez estejamos querendo demais, reconhecemos, ao sugerir a participação dos cientistas nas decisões de governo. Na nossa própria instituição, a mesma estultície acontece: nossos cientistas são deixados de lado enquanto grandes decisões de suas áreas são tomadas. E, como os dirigentes não têm ideia com o que estão lidando, quase sempre decidem errado. É o preço da estultície.